

FAMÍLIA E A CRIANÇA ABANDONADA

Elisa Rodrigues Villanueva

A pobreza, a falta de condições mínimas de sobrevivência por que passam as famílias, sacrifica especialmente os filhos, que representam uma despesa a mais, geralmente não planejada e, portanto, não aceita. Por representarem a parte mais fraca e indefesa do grupo familiar, é sobre as crianças que desaba, principalmente, as desditas familiares. Assim, deparamos de uma forma geral com o que poderíamos chamar de um grande genocídio. Segundo dados do Prof. Deodato Rivera - UNICEF, em 1988, perdemos por doenças evitáveis mais de 350 mil crianças entre 0 e 5 anos, o que equivale ao efeito de 5 bombas de Hiroshima, ou 9 vezes mais vidas destruídas em um ano, que as perdidas pelos Estados Unidos em 7 anos de guerra no Vietnã. As crianças que escapam dessa primeira dizimação da população pobre, parte considerável é abandonada por suas famílias, de forma mais radical, quando dadas em doação ou de forma menos radical, mas não menos dolorosa, pelo abandono afetivo, econômico, moral a que são levadas pelas mais variadas causas, na verdade, conseqüências do abandono das famílias.

Essa constatação leva-nos a considerar o enfrentamento

da problemática da criança pobre não só como necessidade imediata, inadiável de socorro, mas também como trabalho preventivo de fortalecimento da família.

Sabemos que os chamados “meninos de rua” estão em sua terceira geração.

Que famílias são essas?

A maioria dos autores concorda que existem hoje vários tipos de família, derivadas da tradicional família patriarcal ou da família conjugal moderna, entretanto, reafirmam a presença, em todas elas, da função iniciadora de seus filhos na vida pessoal, social, religiosa e da função personalizadora do amor, base para a iniciação ético-religiosa, cognitiva e valorativa, sobre o bem e o mal, o que dá sentido à vida.

Que amor pode ser personalizado por quem nunca o recebeu?

Que condições tem alguém que foi rejeitado desde o útero materno, de amor?

Que sentido tem a vida sem amor?

Estas são questões fundamentais que nos mostram o quanto estamos atrasados. No mínimo, três gerações, no trabalho de construção de uma sociedade justa e fraterna.

Com isso, não queremos dizer, que a família seja culpada pelo abandono de crianças, pela violência, pelas mazelas da sociedade, mas que à família pobre nunca foram reconhecidos seus direitos da cidadania.

Nossa proposta é trabalhar a questão da criança em todos os seus desdobramentos, tendo por pressupostos:

– a importância da família como célula básica da sociedade;

– a importância do amor com sentido de vida;

– o respeito aos direitos de cidadania.

Para que se ponha um fim ao que Joaquim Nabuco previu em 1888, em seu discurso, por ocasião da libertação dos escravos, quando disse: “*Se não lhes forem dadas condições de cidadania, eles terão uma escravidão pior do que aquela de que se libertam, a escravidão da miséria*”.